

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O LATINO-AMERICANISMO

Rodrigo Podiacki Barreto de Menezes  
UFMG

O meu propósito nesta comunicação é levantar algumas questões sobre a atual reflexão latino-americanista, referentes sobretudo às idéias de *literatura nativa* e de *vontade restitutória*<sup>1</sup>.

Tem-se discutido muito sobre a emancipação do objeto latino-americanista, sua emergência como sujeito autodeterminante. A realização teórica dessa operação marcaria o fim (no duplo sentido da palavra, objetivo e final) da crítica restitutória. O conceito de restituição torna-se protagonista quando a obsessão de dar voz àqueles que a História tem silenciado por séculos passa a ser o objetivo principal do latino-americanismo engajado.

A maior aporia a ser superada aqui, e que se pode transformar em um impasse lógico, é a própria constituição paradoxal do latino-americanismo: ele “deve preservar ativamente uma singularidade latino-americana (ou qualquer tipo de singularidade intralatino-americana) e reduzi-la a seus próprios parâmetros (não-singulares)”<sup>2</sup>. Ou seja, no momento mesmo em que se nomeia a alteridade, se suprime exatamente o que a torna um outro, por um ato de apropriação discursiva que torna familiar o que não é.

Parece-me que quando se fala de literatura nativa, no sentido mais restrito de produção literária americana anterior à colonização<sup>3</sup>, incorre-se nesse processo de apropriação da alteridade. Atribuir o epíteto “literário” a discursos que seguiram – e seguem – uma dinâmica própria, sem ter como referentes a idéia, gerada no Ocidente, de uma

---

<sup>1</sup> Este último conceito é amplamente discutido em MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

<sup>2</sup> MOREIRAS, Alberto. Op. cit., p.157.

<sup>3</sup> Sentido este defendido, por exemplo, por POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa. Literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. Passim.

Literatura é incorrer em um equívoco. É claro que não estou afirmando que certas línguas não têm qualidades poéticas: basta lembrar que a poesia de Arguedas foi *escrita* em quíchua. Mas é que antes eu concordo com o que disse Walter Mignolo: “‘literatura’ implica escritura alfabética, e [...] ‘literatura oral’ é uma imposição ocidental sobre tipologias discursivas independentes delas”<sup>4</sup>.

No contexto ocidental, se acharmos que as origens do que posteriormente foi chamado de literatura podem ser encontradas em Homero e considerarmos que esses textos teriam sido elaborados e transmitidos oralmente, a afirmação de Mignolo pode ser discutível, ainda que para isso se faça uma leitura anacrônica do passado, posto que, é óbvio, uma condição para que exista *literatura* é a letra. De qualquer forma, não há dúvida de que universalizar o conceito de literatura a ponto de incluir sob este rótulo narrativas que ignoram essa idéia é um anacronismo muito maior, e agora inaceitável.

Na verdade, só a partir da colonização se pode falar em literatura latino-americana, no sentido defendido aqui. E esta, assim, estaria sob o signo do *heterogêneo*, posto que “tem pelo menos um elemento não coincidente com a filiação dos outros”, o que “cria necessariamente uma zona de ambigüidade e conflito”<sup>5</sup>. Essa zona ambígua e conflitiva característica das literaturas heterogêneas é análoga à instaurada pelo discurso latino-americanista, se se entende que o referente deste – latino-americano – não provém do mesmo universo que seu material discursivo – ocidental –; e, portanto, se seus elementos constitutivos não coincidem em filiação, o latino-americanismo é um discurso heterogêneo.

---

<sup>4</sup> MIGNOLO, Walter. “Lógica das diferenças e política das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa”. Trad. Joyce Rodrigues Ferraz. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Centro Angel Rama, 2001. p.119

<sup>5</sup> POLAR, Antonio Cornejo. Op.cit., p. 162.

Assim se tem mais uma chave para compreender a sua contradição constitutiva, já mencionada: a tensão entre se apropriar e preservar (ou restituir) a alteridade.

Essa peculiaridade problemática da representação latino-americanista provoca um desnivelamento em seu *locus* enunciativo. Dessa forma, o seu papel como mediador transcultural é afetado de tal maneira que privilegia o ponto de vista do sujeito latino-americanista em detrimento da alteridade do objeto latino-americano. Nas palavras de Moreiras:

“O latino-americanismo é um produtor predominantemente ocidental de representações engajadas em relação a um conjunto largamente subalternizado de formações culturais [...]. A própria linguagem na qual acontece a troca transcultural – a troca entre o conhecimento sobre a cultura e a própria cultura – está já dominada pela representação latino-americanista”<sup>6</sup>.

Entretanto, se sabemos que o objeto em questão é também, por sua vez, um sujeito, importaria estabelecer um diálogo. Essa relação deve constituir uma rede rizomática, não manter a hierarquia que privilegia um interlocutor, que reduz o Outro às categorias do Mesmo<sup>7</sup>.

Outro ponto a ser observado pelo latino-americanismo, mais especificamente em seu avatar subalternista, é o descuido, freqüentemente ocorrido, de equacionar o(s) outro(s) a uma mera “Não-identidade generalizada”<sup>8</sup> do Eu. Essa operação encontra sua síntese em uma formulação de Sartre, embora feita em um contexto diferente:

---

<sup>6</sup> MOREIRAS, Alberto. Op. cit., p. 159.

<sup>7</sup> Neste parágrafo evoco Diva Damato em “O Outro e os Outros”, comunicação apresentada no IV Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, cujo tema era *literatura e diferença*, realizado entre 31 de julho e 3 de agosto de 1994, em São Paulo. A referida comunicação consta nos Anais daquele congresso.

<sup>8</sup> Termo retirado de EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.89.

“[...] a aparição da solução compromete *cada um* de uma forma bem mais total e concreta do que um “acordo”. Com efeito, este efetua em um ponto a unidade exterior dos Outros enquanto Outros e, por causa disso mesmo, ele explode em pulverulência de identidades: *todos esses Outros são, em relação a esse ponto, idênticos*”<sup>9</sup>.

Tem-se no “Dia do Índio” um exemplo concreto de redução e generalização de diferentes culturas, algumas até mesmo originalmente beligerantes entre si, em uma unificação que só encontra um correspondente comum na Não-identidade do Eu.

Até agora tentei, de maneira panorâmica, mostrar as dificuldades e intenções da restituição teórica latino-americanista. No entanto, isso tudo parece estar excessivamente marcado por um idealismo que já deveria, pelo menos depois de Marx, estar superado. Enfatiza-se muito as diferenças culturais existentes entre o sujeito latino-americanista e o objeto latino-americano. Essas diferenças seriam tão profundas que impediriam uma *comunicação* entre esses grupos e causaria a espoliação do elemento autóctone americano, porquanto este não poderia ser reconhecido em sua alteridade pelo ponto de vista da cultura hegemônica.

Porém, essas elocubrações metafísicas, conquanto tenham o seu lugar, afiguram-se pouco precisas quando se reconhece que a miséria das comunidades nativas se deve não a diferenças epistêmicas, mas a sua própria condição política e econômica miserável. Isso já havia sido notado por José Carlos Mariátegui:

“Os que ainda não romperam o certo de sua educação liberal burguesa e, colocando-se em uma posição abstrata e literária, se entretêm com os aspectos raciais do problema, esquecem que a política e, portanto, a economia, dominam-

---

<sup>9</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 619. Grifos meus.

no fundamentalmente. Utilizam uma linguagem pseudo-idealista para escamotear a realidade, dissimulando-a sob seus atributos e consequências”<sup>10</sup>.

Contundente, a análise de Mariátegui revela-se pertinente à atual reflexão latino-americanista, que em boa parte coloca os “atributos e consequências” no lugar das causas reais, materiais, e é verdade que se distrai muito com os “aspectos raciais” do problema. Mas “O problema indígena não admite mais a mistificação à qual foi submetido perpetuamente por um grupo de advogados e literatos”<sup>11</sup>.

Esse reconhecimento se faz tanto mais urgente quanto mais os povos vão sendo alcançados e absorvidos pelo moderno sistema do capitalismo multinacional, que de maneira nunca antes vista logra êxito em lugares até então excluídos do mercado<sup>12</sup>.

Queria terminar ainda citando Mariátegui, o que se deve não só a sua visão arguta do problema como também a minha admiração pessoal pelo autor:

“A reivindicação indígena carece de concretização histórica, mantendo-se em um plano filosófico ou cultural. Para adquiri-la – isto é, para adquirir realidade, corporalidade – precisa se transformar em reivindicação econômica e política. O socialismo nos ensinou a colocar o problema indígena em novos termos. Deixamos de considerá-lo abstratamente como problema étnico ou moral para reconhecê-lo concretamente como problema social, econômico e político. E então, pela primeira vez, sentimo-lo esclarecido e demarcado”<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. “Prólogo a *Tempestade nos Andes*”. In: LÖVY, Michael (Org). *O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Trad. Cláudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. p.105.

<sup>11</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Op. cit., p.105.

<sup>12</sup> Cf. JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2 ed. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997. p.61.

<sup>13</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. Op. cit., p. 105.